

# A fotografia na investigação e na escrita etnográficas. Os espaços públicos nas cidades do Porto (Portugal) e Châlons- en-Champagne (França)

Fernando Manuel Rocha da Cruz

Universidade de Santiago de Compostela, Espanha  
ID+, Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, Portugal

---

## **Fernando Manuel Rocha da Cruz**

Fernando Manuel Rocha da Cruz é Doutor Europeu em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Possui Mestrado em Ciências Sociais (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil) e Licenciaturas em Antropologia (Universidade Fernando Pessoa) e em Direito (Universidade Portucalese - Infante D. Henrique). Entre 2013 e 2019, foi Professor Auxiliar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Atualmente é Investigador Permanente do ID+, Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura.

---

## Resumo

Os espaços públicos são definidos como espaços urbanos e podem ser utilizados anonimamente, vinte e quatro horas por dia. Contudo, assistimos nestes: à fixação de horários, à colocação de barreiras, ao pagamento de taxas de entrada, à cedência de espaço para fins e objetivos privados. A segurança destes espaços é também cada vez mais controlada através de aparelhos de videovigilância. Quer na cidade do Porto (Portugal), quer na cidade de Châlons-en-Champagne (França), os espaços públicos são utilizados, por exemplo, para a organização de eventos culturais, desportivos, religiosos e políticos. A partir de uma abordagem etnográfica, com especial destaque para o registo fotográfico, procuramos refletir sobre a adequação da fotografia como ferramenta ou técnica de investigação etnográfica para o estudo dos espaços públicos. Se na fase da pesquisa etnográfica, a fotografia pode ser em determinados momentos utilizada como diário de campo ao promover o registo dos acontecimentos, a posteriori, esse mesmo registo, permite ao investigador refletir sobre a sucessão de acontecimentos e sobre aquilo que as fotografias não “contam”, ou até, sobre os sons que se encontram ausentes. Por outro lado, há ainda que ter em conta, que a imagem não expõe a “verdade”, mas apenas permite a apresentação de uma “construção” resultante dos condicionalismos técnicos na sua captação. Daí que concluamos que nem toda a fotografia captada numa investigação seja etnográfica, uma vez que esta pode não possuir relação com o objeto pesquisado ou, não permitir a sua contextualização e interpretação.

**Palavras-chave:** Escrita etnográfica, Espaço público, Etnografia, Eventos públicos, Fotografia.

## Abstract

Public spaces are defined as urban spaces and can be used anonymously, twenty-four hours a day. However, we see in these: the setting of timetables, the placing of barriers, the payment of entrance fees, the provision of space for private purposes. The security of these spaces is also increasingly controlled through video surveillance devices. Both in the city of Oporto (Portugal) and in the city of Châlons-en-Champagne (France), public spaces are used, for example, for the organization of cultural, sporting, religious and political events. From an ethnographic approach, with special emphasis on the photographic record, we seek to reflect on the adequacy of photography as an ethnographic research tool for the study of public spaces. If in the stage of ethnographic research, photography can be used at certain times as a field diary when promoting the recording of events, a posteriori, this same record allows the researcher to reflect on the succession of events and on what the photographs do not “tell”, or even, about the sounds that are absent. On the other hand, it should also be taken into account that the image does not expose the “truth”, but only allows the presentation of a “construction” resulting from the technical constraints in its capture. Hence, we conclude that not all the photography captured in an investigation is ethnographic, since it may not have a relationship with the researched object, or it may not allow its contextualization and interpretation.

**Keywords:** Ethnographic writing, Public space, Ethnography, Public events, Photography.

## Introdução

As duas cidades que nos servem de lócus para refletir sobre o uso da fotografia na pesquisa e na escrita científicas são as cidades do Porto, em Portugal, e Châlons-en-Champagne, na França. A cidade do Porto fica localizada no noroeste de Portugal, constituindo-se como a capital da região Norte (NUTS II) e da Área Metropolitana do Porto (NUTS III). É sede do município com o mesmo nome, possuindo uma área de 41,42 km<sup>2</sup>. A sua população é de 231.962 habitantes (INE, 2021). O Grande Porto conta com 1.279.057 habitantes, integrando os municípios de Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Póvoa de Varzim, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia (Pordata 2015; Ine 2021).



**Figura 1** – A cidade do Porto, a partir da margem de Vila Nova de Gaia. Na foto, vemos a Ribeira (do Porto), primeiro centro histórico da cidade. O ponto mais alto da cidade é ocupado pela Torre dos Clérigos, um projeto de Nicolau Nazoni (1754 e 1763). Entre as duas cidades, temos o rio Douro. A Ribeira se constituiu como lugar de excelência para o turismo da cidade com bares, restaurantes e lojas de artesanato, para além, da paisagem privilegiada sob a margem da cidade de Vila Nova de Gaia e as caves do Vinho do Porto. É também um foco de forte atração turística, nos festejos de São João (Cruz 2021). Foto de 28 de junho de 2009, às 18h09. Autoria própria.

Châlons-en-Champagne é uma cidade e uma comuna do nordeste da França. É a capital do departamento de Marne e da região de Grande Leste (ou Grand-Est) com 44.574 habitantes, em 2021. Reassumiu em 1998, o nome que detinha até à Revolução Francesa. Em 2020, a população do departamento era de 563.823 habitantes. As principais cidades do departamento são Reims, Épernay, Vitry-le-François e Tinqueux, para além de Chalons-en-Champagne. A cidade mais populosa é contudo Reims com 184.659 habitantes, em 2021 (Ville-data 2021).



**Figura 2** – Catedral Saint-Étienne, em Châlons-en-Champagne. A sua construção nesta cidade de origem galo-romana, foi iniciada no século XI e concluída no século XVII. Durante esse período, passou por ampliações, modificações e reconstruções, consequentemente, possui características do românico, gótico e barroco. Durante as duas Grandes Guerras Mundiais não sofreu praticamente qualquer dano. Entre 1980 e 2009 sofreu importantes operações de restauro. Foi classificada na França como monumento histórico, em 1862. Foto de 16 de novembro de 2020, às 9h22. Autoria própria.

Nestas duas cidades, desenvolvemos trabalho de campo. Inicialmente, no Porto, entre 2007 e 2011, e em Châlons-en-Champagne, entre 2020 e 2021, sobre os espaços públicos. Aqui, importa a reflexão sobre dois espaços: A Avenida dos Aliados, na cidade portuense, e o Grand Jard ou Jardim Grande, na cidade francesa.

Por espaço público, entendemos o espaço contínuo, constituído em rede, de utilização permanente e complexa ao contrário do espaço privado que se concebe como fragmentado, normalmente de utilização temporária, agregada e monofuncional. Os espaços públicos urbanos compreendem os espaços abertos de domínio e usos públicos, nomeadamente as zonas verdes e a rede viária. (Martins 1996, 12) As praças, ruas e jardins inscrevem-se no domínio público, não podendo por isso ser objeto de venda (Fernandes 1991, 166). O uso privado do espaço público pode todavia ocorrer, embora com um carácter precário e revogável, continuando a propriedade a ser pública. Assim, a afetação desses espaços deverá ter por finalidade o uso público ou o serviço público (Martins 1996, 14-15).



**Figura 3:** Canal lateral do rio Marne, em Châlons-en-Champagne, o qual separa o Jardim Grande (Grand Jard) do Jardim Inglês (Jard Anglais). Aqui são praticadas atividades náuticas e de entretenimento (circenses) durante o evento Châlons Praia (Châlons Plage) que em 2021, decorreu entre 3 de julho e 29 de agosto. O extenso passeio na borda do canal permite caminhar desde a passerelle (sobre o canal) até ao Pavilhão Azul com 16 locais de atracação para barcos. Ao fundo, vista privilegiada sobre a Catedral Saint-Étienne (Communauté d'Agglomération de Châlons-en-Champagne 2017; Communauté d'Agglomération de Châlons-en-Champagne 2017; Champagne-Ardenne Tourisme 2021). Foto de 6 de junho de 2021, às 12h37. Autoria própria.

Finalmente, importa referir que o presente artigo tem por base uma investigação de cariz etnográfico realizada durante a Feira do Livro do Porto, em 2010, e no parque natural do Jardim Grande, em 2021, na cidade de Châlons-en-Champagne.

### **Os eventos nos espaços públicos**

Quer na cidade do Porto (Portugal), quer na cidade de Châlons-en-Champagne (França), existem espaços públicos privilegiados para a organização de eventos culturais, desportivos, religiosos, políticos, entre outros. Para além disso, esses espaços permitem a sua fruição através de diferentes atividades como as desportivas, religiosas, lúdicas, culturais ou de entretenimento, independentemente da organização desses eventos pertencerem a terceiros ou aos próprios. No caso em apreço, a 80ª Feira do Livro do Porto realizou-se entre 27 de maio e 13 de junho de 2010, na Avenida dos Aliados, com 126 pavilhões. A organização do evento pertenceu à APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros e contou com o apoio institucional da Câmara Municipal do Porto. Durante este evento, realizaram-se sessões de autógrafos, momentos musicais, apresentação de livros, debates e leituras.



**Figura 4:** Feira do Livro do Porto, em 2011. O evento decorreu na Avenida dos Aliados e contou com a participação de milhares de pessoas, entre 27 de maio e 13 de junho. Para além dos pavilhões de venda de livros, foram recriadas praças e salas com lugares sentados para o lançamento de livros, realização de conferências, sessões de autógrafos, ateliês de pintura e atividades com crianças. Na foto, o jornalista da TVI, Júlio Magalhães (à esquerda) faz a apresentação do livro “O Homem que Sonhava Ser Hitler” de Tiago Rebelo (ao centro). Foto de 19 de junho de 2010, às 19h28. Autoria própria.

Quanto ao Jardim Grande, este é um jardim de estilo francês, tendo sido concebido no século XVIII, pelo Eng. Jean Joseph Bochet de Colluel. Possui uma área de 5,4 hectares, sendo metade ocupado por caminhos e alamedas para circulação dos utilizadores ou frequentadores. Atualmente, existe uma área de 1500 m<sup>2</sup> constituída por um parque de skate para maiores de 8 anos, e outro para menores dessa idade, bem como um playground para crianças brincarem (Ville de Châlons-en-Champagne 2011; Office de Tourisme de Châlons-En-Champagne 2021; Mairie de Châlons-En-Champagne 2018; Mairie de Châlons-En-Champagne. 2021b).



**Figura 5:** Anamorfose do retrato de Léon Bourgeois na escadaria de acesso à Alameda Víctor Hugo, no Jardim Grande. Nas comemorações do centenário do Prémio Nobel atribuído, em 1920, a Léon Bourgeois, três museus de Châlons-en-Champagne organizaram exposições sobre esta figura política. Foi o primeiro presidente do Conselho da Liga das Nações (1919) e Primeiro ministro na França (1895-1896), entre muitos outros cargos políticos que desempenhou durante a sua vida. Foto de 6 de junho de 2021, às 12h42. Autoria própria.

### **A fotografia nos textos científicos**

A partir da abordagem etnográfica, com especial destaque para o registo fotográfico, procuramos identificar e compreender mecanismos de utilização do espaço público nas duas cidades. A utilização de tecnologias e imagens na pesquisa científica e na representação de culturas, vidas e experiências é, hoje em dia, prática comum (Pink 2004, 1). A fotografia tem por base duas características que são nomeadamente o registo mecânico de uma realidade e o conteúdo de

uma expressão através da identificação de significados. Deste modo, a fotografia cumpre três grandes funções:

- Documental, ao se constituir como reflexo, testemunho e representação da realidade;
- Artística, por procurar criar emoções;
- Textual, visto ser um meio de transmissão de ideologias e valores (Gutiérrez 1995, 241).

A fotografia parece também diferenciar-se de outros meios de registo e construção de imaginários como a imprensa, o cinema e a televisão, por fragmentar mais radicalmente a cidade, por exemplo. De igual modo, oferece instantes descontínuos que podem aspirar a uma representatividade mais extensa, mas separando sempre a experiência do contexto. Deste modo, a fotografia é semelhante às perceções isoladas e acumulativas dos habitantes das grandes cidades que a desconhecem na sua totalidade (Canclini 1999, 110).



**Figura 6:** Para além da organização da Feira do Livro do Porto na Avenida dos Aliados, outro evento decorreu nesse espaço. Assim, foi instalado um ecrã gigante, na Praça do General Humberto Delgado (junto à Câmara Municipal do Porto) e contígua à primeira para que fosse possível acompanhar em direto o Campeonato do Mundo de Futebol. Este ecrã foi patrocinado pela Hyundai e pela FIFA e permitiu seguir em direto todos os Jogos do Mundial de futebol de África do Sul. Ora, a Avenida dos Aliados não se distingue popularmente da Praça referida, nem da Praça da República e é apresentada muitas vezes como a “sala de visitas” do Porto. No espaço – apresentado na fotografia – podemos ver um tapete verde com uma dupla conotação: relvado de um estádio de futebol e tapete ou alcatifa de uma sala de visitas. Nos eventos públicos, normalmente estão publicitados os apoios e os patrocínios. Mais uma vez o investigador tem que decidir sobre a inclusão (ou não) desses atos em seus textos científicos. Foto de 19 de junho de 2010, às 18h46. Autoria própria.



**Figura 7:** Espaço reservado para o público assistir aos jogos do Campeonato do Mundo de futebol de África do Sul. No limite estão os pavilhões da Feira do Livro do Porto. A fotografia é seletiva, uma vez que o enquadramento não mostra o ecrã visualizado na foto anterior, assim como aquela não permite visualizar este enquadramento. O espaço central é deixado livre, apenas sendo ocupado no momento dos jogos com maior afluência de público, como por exemplo, nos que a seleção portuguesa participa. Noutros momentos, o público (cidadãos) aproveitam para parar ou se sentar no limite dos dois espaços, entre a Feira do Livro e o espaço reservado para a visualização dos jogos. Foto de 19 de junho de 2010, às 20h03. Autoria própria.

Os etnógrafos começaram por utilizar as imagens como um importante auxiliar do trabalho de campo para descrever e interpretar, para completar informação com os saberes locais obtidos na interlocução com os seus informantes e mesmo para comparar ou perceber as diferenças e as semelhanças. As imagens serviram como sinais, como descrição ou representação, para recordar e permitir a observação diferida, bem como, forma de rememoração através de um olhar mais distanciado e crítico (Ribeiro 2003, 398). Acrescentamos ainda que a fotografia se tem constituído como uma ferramenta primordial para a reflexão, à semelhança do diário de campo, não apenas complementando este importante instrumento da pesquisa, mas igualmente como seu substituto. A fotografia digital, por exemplo, possui um conjunto de informações como, por exemplo, a data e a hora, para além das características formais relativas às dimensões, tipo, resolução, profundidade de bits da imagem, entre outras.



**Figura 8:** Pormenor da Feira do Livro do Porto. Alguns pavilhões decoram a parede traseira com imagens publicitárias de livros, contos, autores... Aqui, procura-se exemplificar a situação em que o investigador opta por fechar o enquadramento, fato que se traduz na perda de pormenores relativamente ao contexto do(s) objeto(s) retratado(s). Fotografia de 19 de junho de 2010, às 18h45. Autoria própria.



**Figura 9:** A Feira do Livro do Porto foi organizada sob a forma de corredores. O corredor central permite a proximidade do público aos livros expostos e às atividades organizadas. No espaço exterior, o público é convidado a entrar através dos apelos publicitários do evento, sob a forma de imagem, texto e som. Este, de alguma forma fecha-se sobre si próprio, como se existisse na organização do espaço público, a possibilidade de estar "dentro" ou "fora". A abertura do enquadramento relativamente à foto anterior ganha em pormenores, nomeadamente sobre o público, as entradas/saídas e o "fora"/"dentro". Foto de 19 de junho de 2010, às 18h45. Autoria própria.

Quando os investigadores fotografam ou filmam, produzem elementos visuais, assim como adquirem a experiência de os criar e debater. Dessa forma, estes "produtos" tornam-se parte do conhecimento etnográfico (Pink 2001, 17). Não existe, porém, um critério rígido que distinga as fotografias etnográficas daquelas que não o são. Qualquer fotografia pode ter interesse científico, ou ser-lhe atribuído um significado num dado momento ou por uma razão específica. Os seus significados são porém arbitrários e subjetivos. A mesma fotografia pode possuir uma multiplicidade de significados (até mesmo conflituais entre si) em diferentes momentos da pesquisa e de representação etnográficas, ou ao ser

vista por diferentes pessoas ou audiências em diversos contextos temporais, históricos, espaciais e culturais. Parece assim importante que os investigadores tentem compreender os discursos individuais, locais e culturais nos quais as fotografias têm significado, quer na pesquisa de campo, quer nos discursos académicos (Pink 2001, 51). A ênfase na reflexividade tem sido, por isso, a vertente mais importante na recente literatura da Antropologia Visual e nos textos interdisciplinares sobre a utilização de metodologia visual (Pink 2004, 4).

Acreditamos que uma fotografia tem interesse científico, se se constituir como objeto ou se se tratar de uma técnica de pesquisa, no contexto de uma metodologia adotada em determinada investigação científica. Assim, a fotografia será etnográfica no contexto de uma investigação de cariz etnográfico.



**Figura 10:** Em contexto de pandemia causada pelo SARS-COV-2, os frequentadores do Jardim Grande (ou Grand Jard) procuram manter distância entre si. A sombra e os recantos oferecidos neste parque são utilizados para o repouso ou até para ser usado para almoçar em família. Para isso, utilizam as poucas mesas que o espaço dispõe ou se sentam no relvado. As fotos panorâmicas “escondem” as pessoas que se encontram nas bordas e nas zonas sombreadas. Foto de 13 de junho de 2021, às 12h07. Autoria própria.

Há que atender aos condicionalismos do lugar, bem como aos condicionalismos técnicos. Quanto aos condicionalismos do lugar, devemos ter em conta a “gestão do medo” (Cruz 2011, 90-92), ou seja, a sensação de segurança/insegurança do lugar e da própria cidade. Esta é variável de cidade para cidade e entre espaços urbanos da mesma cidade ou até, em diferentes horários no mesmo espaço. Há, no entanto estratégias para a diminuição desse sensação de insegurança como evitar alguns lugares da cidade, ou não os frequentar a partir de determinada hora, ou ainda evitar estar sozinho em determinados espaços urbanos. Aqui, o investigador não está isento deste “ambiente” e carregar uma câmara fotográfica em determinados espaços ou em determinados horários transforma-o em potencial vítima. As condições pluviométricas podem também ser impeditivas da cobertura fotográfica de eventos em espaço público.



**Figura 11:** No playground ou parque infantil do Jardim Grande, em plena pandemia por SARS-COV-2 e com medidas de confinamento em vigor, verificamos uma maior proximidade sobretudo dos jovens utilizadores. A utilização da máscara não é cumprida por alguns adultos e fumadores. Nas crianças, o uso da máscara é facultativo pelo que verificamos que apenas algumas a utilizam. Aqui, a fotografia contextualizada pode permitir a identificação de prevaricações ou não cumprimentos normativos, sobretudo de quem aparece em primeiro plano. Foto de 23 de fevereiro de 2021, às 16h59. Autoria: Cláudia Cruz.



Quanto aos condicionalismos técnicos, estes têm a ver com as características da máquina fotográfica, ângulo e enquadramento escolhidos, profissionalismo técnico do investigador ou do fotógrafo, entre outras. Estas características podem influenciar a interpretação da imagem. Há, então, que as ponderar para que se compreenda o sentido e o alcance da mesma.

Se a fotografia foi captada pelo próprio investigador ou se o mesmo estava presente durante a realização da fotografia, a sua interpretação está, de algum modo, facilitada por este conhecer o contexto histórico e espacial da captação.

Tal como o texto, a imagem pode ser equívoca e subjetiva. Podemos, contudo reduzir o grau de subjetividade complementando ou interpretando a imagem e, não substituindo o texto pela imagem e vice-versa. A complementaridade entre texto e imagem, enriquecem o nosso conhecimento sobre o objeto de estudo, bem como, o próprio texto científico. Desse modo, entendemos que a imagem não vale por si, mas que o grau de objetividade atribuído pelo investigador ao texto/imagem aumenta.



**Figura 12:** Playground do Jardim Grande. Normalmente, as fotografias captam o interior, ou seja, são tiradas do exterior para o interior do evento. Aqui, temos o efeito contrário que nos permite ver a paisagem exterior do parque infantil formada pelos carros estacionados e algumas pessoas. Com esta fotografia queremos reforçar a importância da posição do investigador na observação de um determinado fenómeno social. Foto de 27 de fevereiro de 2021, às 16h52. Autoria: Cláudia Cruz.

Há, por fim, que referir que o próprio tamanho da fotografia utilizado no texto científico (largura x comprimento x pixels) pode implicar o ganho ou a perda de pormenores e legibilidade. O mesmo se pode passar no momento da impressão do texto científico. É importante que o investigador atenda às características da pós-escrita, já que a imagem pode ser comprometida na impressão e nos meios de divulgação do artigo científico (publicação em papel, CD ou online; impressão a laser ou jato de tinta; na publicação a preto e branco ou a cores; o tipo de página web).

### **Considerações finais**

A utilização da fotografia deve ser pensada quer enquanto técnica de pesquisa, quer na própria escrita, quer ainda na publicação do texto científico. Enquanto técnica de investigação devem ser ponderadas quer as suas possibilidades, quer as suas limitações. A fotografia pode ser utilizada como diário de campo ou como complemento deste. Porém, o carácter subjetivo que a mesma encerra, deve levar o investigador a refletir não apenas sobre o modo de produção, mas também sobre a própria captação das imagens dado estarmos perante uma técnica que pode ser fragmentária e limitativa dos contextos reais que pretende identificar e definir.

A análise reflexiva da fotografia permite que a imagem dialogue com os outros elementos etnográficos apreendidos pelo investigador que deverá ter ainda em conta as limitações técnicas e contextuais inerentes ao seu equipamento, ao lugar, ao horário da captação da imagem, ao domínio do próprio equipamento, etc. A seleção das imagens a captar devem levar em consideração o objeto e os objetivos da pesquisa.

Na elaboração do artigo científico, a imagem deve dialogar com o texto, o qual não deve se limitar a expressar unicamente os significados da fotografia. O diálogo deve ser profícuo, enriquecedor e complementar. Para além disso, há que

atender ao tipo, tamanho e à própria seleção das imagens. O tipo de imagem e o tamanho (largura, altura, pixels) devem ser utilizados com comedimento já que imagens pequenas dificultam a análise das mesmas, assim como imagens com baixo número de pixels. O próprio tratamento de imagem deverá ser explícito no texto científico, uma vez que pode levar à eliminação de pormenores ou a uma redefinição das cores ou do próprio enquadramento. De referir ainda, a importância das legendas na relação complementar com as fotografias, ao contextualizarem as imagens e fornecendo outras informações essenciais à sua interpretação.

Finalmente, importa relevar a pós-escrita, nomeadamente as questões relativas à publicação dos textos científicos com imagens. Por vezes, são impostos limites ao número de pixels das imagens a publicar em CD ou online. No entanto, o próprio tipo de papel, bem como o modo de impressão podem diminuir o grau de legibilidade da imagem e dos seus pormenores, ou pelo contrário, valorizar as imagens utilizadas. Há, então, que ponderar todos estes elementos para que a fotografia seja valorizada e potenciadora dos textos científicos.

### Referências bibliográficas

- Canclini, Néstor García. 1999. *Imaginarios Urbanos*. Buenos Aires: Eudeba.
- Champagne-Ardenne Tourisme. 2021. "Châlons-en-Champagne: La Venise pétilante". <https://www.tourisme-champagne-ardenne.com/decouvrir/week-end-dans-les-villes-champagne-ardenne/chalons-en-champagne>. Acedido em 26 de setembro de 2021.
- Communauté d'Agglomération de Châlons-en-Champagne. 2017. "Les relais nautiques". <https://www.chalons-agglo.fr/decouvrir/les-relais-nautiques-245.html>. Acedido em 26 de setembro de 2021.
- Cruz, Fernando Manuel Rocha da. 2011. *A tematização nos espaços públicos: estudo de caso nas cidades de Porto, Vila Nova de Gaia e Barcelona. Uma análise sobre a qualidade e estrutura dos espaços públicos*. Tese de doutoramento. Universidade do Porto.
- Cruz, Fernando Manuel Rocha da. 2021. "La organización de eventos públicos y disneyización de la sociedad: estudio de casos en el centro de la ciudad de Oporto". *Aposta. Revista de Ciencias Sociales*, nº 88: 30-48, <http://apostadigital.com/revistav3/hemeroteca/fmrcruz3.pdf>. Acedido em 26 de setembro de 2021.
- Dicionário Jurídico da Administração Pública 1991, dirigido por José Pedro Fernandes. Lisboa: Direção-Geral da Contabilidade Pública.
- Gutiérrez, Marisol Rodríguez. 1995. "Testimonio y poder de la imagen". Em *Etnografía: Metodología cualitativa en la investigación sociocultural 1995*. Editado por Angel Aguirre Baztán, 237-247. Barcelona: Boixareu Universitaria/ Marcombo.
- Ine – Instituto Nacional de Estatística. 2021. "Resultados Preliminares: Censos 2021". [https://ine.pt/scripts/db\\_censos\\_2021.html](https://ine.pt/scripts/db_censos_2021.html). Acedido em 26 de setembro de 2021.
- Mairie de Châlons-En-Champagne. 2018. "Le Grand Jard". <https://www.chalonsenchampagne.fr/environnement-et-cadre-de-vie/re-inventer-chalons/100-le-grand-jard>. Acedido em 26 de setembro de 2021.
- Mairie de Châlons-En-Champagne. 2021a. "Châlons Plage 2021 - Tout le Programme". <https://www.chalonsenchampagne.fr/culture-et-tourisme/actualites/1742-chalons-plage-2020-tout-le-programme-2>. Acedido em 26 de setembro de 2021.
- Mairie de Châlons-En-Champagne. 2021b. "Information Travaux : Démontage de la Passerelle du Grand Jard". 2021. <https://www.chalonsenchampagne.fr/environnement-et-cadre-de-vie/actualites/1650-information-travaux-demontage-de-la-passerelle-du-grand-jard>. Acedido em 26 de setembro de 2021.
- Martins, Ana Paula. 1996. *O espaço público: Pressupostos, meios e bases de uma política de espaços públicos na área oriental da cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.
- Office de Tourisme de Châlons-En-Champagne. 2021. "Le Grand Jard : à Chalons-en-Champagne". <https://www.chalons-tourisme.com/offres/le-grand-jard-chalons-en-champagne-fr-3091689/>. Acedido em 26 de setembro de 2021.
- Pink, Sarah. 2001. *Doing Visual Ethnography*. London: Sage Publications.

Pink, Sarah. 2004. "Introduction: situating visual research". Em *Working images: visual research and representation in Ethnography 2004*, editado por Sarah Pink, László Kürti e Ana Isabel Afonso 1-12. London: Routledge.

Pordata. 2015. "População residente segundo os Censos: total e por dimensão dos lugares - Municípios". <http://www.pordata.pt/Municipios/Populacao+residente+segundo+os+Censos+total+e+por+dimensao+dos+lugares-24>. Acedido em 25 de fevereiro de 2015.

Ribeiro, José da Silva. 2003. *Métodos e técnicas de investigação em Antropologia*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ville de Châlons-en-Champagne. 2011. "Laissez vous conter les Jards". <https://cdt51.media.tourinsoft.eu/upload/Les-jards.pdf>. Acedido em 26 de setembro de 2021.

Ville-data. 2021. "+ de 100 Millions de Données sur Toutes les Villes de France". <https://ville-data.com/>. Acedido em 26/09/2021